

DIVERSIDADE RELIGIOSA DIAMANTINENSE: A UMBANDA E O PROTESTANTISMO*

Mariana Santos Miranda (UFVJM)
Vitória Azevedo Fonseca (UFVJM)

Resumo:

A cidade de Diamantina, apesar de majoritariamente católica, conta com um cenário religioso diverso, com diferentes manifestações religiosas, dentre elas, o Protestantismo, o Candomblé, Espiritismo, Umbanda, dentre outras. Neste trabalho, parte do projeto de pesquisa de mestrado, será abordado o processo histórico de constituição e resistência de um terreiro de Umbanda, e, sua relação com o Protestantismo. Para análise, escolhemos um terreiro da Zona Rural, intitulado “Ponto de Luz”.

Palavras chave: Umbanda; Espiritualidade; Diamantina; Diversidade Religiosa.

1 Introdução

O Brasil, e, em especial, a cidade de Diamantina, vive, em sua atualidade, marcas importantes do processo de colonização, tanto em termos sociais, econômicos, culturais e cognitivos. Diamantina, com seu patrimônio erigido, no Centro Histórico, traz, nos nomes das irmandades às quais as igrejas fazem parte, marcas de uma história de diversidade. No entanto, a visibilidade do catolicismo presente simbolicamente e materialmente em seus templos é marca de um processo de invisibilização de outras manifestações religiosas.

Diamantina é uma cidade do interior de Minas Gerais conhecida pela sua larga produção diamantífera. No âmbito da religiosidade, é uma cidade majoritariamente católica, apesar do fenômeno do crescimento do protestantismo. Os bairros mais afastados do Centro Histórico possuem uma diversidade religiosa vasta, com muitas Igrejas Protestantes, de diferentes segmentos. Os Terreiros também estão localizados em bairros mais afastados do Centro Histórico, como é o caso do terreiro “Ponto de Luz”, foco deste trabalho, que está localizado na zona rural diamantinense, próximo ao bairro Palha, local onde encontramos dezenas de Igrejas Protestantes. Dentro deste diverso cenário religioso encontramos algumas problemáticas sociais, que serão faladas no decorrer deste artigo.

As religiosidades dos índios, negros, e mais tarde, o protestantismo e religiões orientais vindas dos imigrantes, representava, no período colonial, a minoria da população, e a supremacia católica perpetuou até em meados da década de 1980. Durante a década de 1990 o número de católicos declarados sofre uma queda significativa, enquanto a quantidade de evangélicos vem subindo gradativamente. Esse fenômeno de diversidade religiosa que cresceu durante a década de 1990 e deu continuidade nos anos 2000, de acordo com o IBGE, aponta algumas curiosidades, sendo uma delas o aumento de pessoas que se declaram evangélicas, principalmente em grandes metrópoles como Belo Horizonte, Salvador, Recife, Brasília, Goiânia, Curitiba, Rio de Janeiro e a periferia de São Paulo.

Por outro lado, junto ao crescimento do protestantismo, temos também o surgimento de outra religião: a Umbanda. A religião Umbanda foi criada no Brasil e conta com 110 anos de surgimento. Para os umbandistas, a religião tem o seu mito de origem ligada a manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas por intermédio do médium Zélio de Moraes, ocorrida na Federação Espírita de Niterói em 15 de novembro de 1908 e a fundação, no dia seguinte, da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade¹, localizado em Neves, São Gonçalo-

* XIV Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online.

¹ Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade (<https://www.tensp.org/>)

RJ. No dia 15 de novembro de 1908, o Zélio de Moraes foi levado à sessão ocorrida na Federação Espirita de Niterói com um grave problema de saúde. Iniciando a sessão começou a manifestar diferentes espíritos de negros escravizados e índios, sendo esses espíritos convidados a se retirar pelo dirigente da Federação, José de Souza, que os julgava atrasados no ponto de vista espiritual, cultural e moral. O Caboclo das Sete Encruzilhadas, incorporado em seu médium Zélio, deixou como aviso que, como não havia espaço para manifestação dos espíritos negros e indígenas seria fundado por ele mesmo, na noite seguinte, na casa de Zélio, um novo culto onde tais entidades poderiam exercer a missão da caridade. Além dos cultos aos Orixás, a Umbanda também possui processos de incorporação de arquétipos como o “Preto Velho”, “Caboclo”, “Pomba Gira” dentre outros.

Segundo o recenseamento de 2000, apenas 0,3% da população brasileira adulta declara-se pertencente a uma das religiões afro-brasileiras, o que corresponde a pouco mais de 470 mil seguidores, embora pesquisas feitas com metodologia mais precisa indicam valores maiores, da ordem de pelo menos o dobro das cifras encontradas pelo censo (PRANDI, 2004). Quando se trata das religiões afro-brasileiras, as estatísticas sobre os seguidores costumam oferecer números subestimados, o que se deve às circunstâncias históricas nas quais essas religiões surgiram no século XIX, quando o catolicismo era a única religião tolerada no País, a religião oficial e a fonte básica de legitimidade social. Para se viver no Brasil, mesmo sendo escravo, e principalmente depois, sendo negro livre, era indispensável, antes de mais nada, ser católico. Por isso, os negros que recriaram no Brasil as religiões africanas dos orixás, voduns e inquices se diziam católicos e se comportavam como tais. Além dos rituais de seus ancestrais, frequentavam também os ritos católicos. Continuaram sendo e se dizendo católicos, mesmo com o advento da República, no fim do século XIX, quando o catolicismo perdeu a condição de religião oficial e deixou de ser a única religião tolerada no país.

2 Expansão do protestantismo no Brasil

No dia 12 de outubro de 1995 foi televisionado pela emissora Rede Record TV, adquirida pela Igreja Universal do Reino de Deus, o evento que ficou conhecido posteriormente como “o chute na santa”. Tal fato foi protagonizado pelo Bispo Sergio Von Helde em manifestação contrária à adoração católica às imagens de santos. A emissora Rede Globo TV noticiou todo o ocorrido, dando início a uma série de reportagens que noticiavam o envolvimento da Igreja Universal do Reino de Deus com o narcotráfico colombiano, vídeos pessoais do bispo Edir Macedo ensinando os pastores a tirar dinheiro do fiel, entre outros escândalos contra a imagem da referida Igreja (MONTES, 2007). O cenário era composto por manifestações dos fiéis da Igreja Universal e os diversos ataques entre as emissoras. Esse evento simbolizou um novo cenário religioso brasileiro, no qual evidenciava que a Igreja Católica já não tinha mais a primazia do controle nas escolhas privadas das pessoas.

Fluidez do campo religioso, baixo grau de institucionalização das igrejas, proliferação de seitas, fragmentação de crenças e práticas devocionais, seu rearranjo constante ao sabor das inclinações pessoais ou das vicissitudes da vida íntima de cada um: esses seriam os sinais que revelariam a face da modernidade — ou seria já da pós-modernidade? — enfim se deixando entrever no campo religioso brasileiro. Modernidade ambígua, no entanto, porque, de modo contraditório, ela mesma seria responsável por promover — surpreendentemente a partir da expansão do protestantismo, religião histórica da tolerância e do valor da razão como base da crença — o enrijecimento das posições institucionais, a disputa no interior do campo religioso em cada uma das confissões e a intolerância para com as crenças das igrejas ou formas de religiosidade rivais, elevando ao mesmo tempo o irracionalismo aparentemente mais delirante à condição de prova da fé. Da mesma forma, à privatização e intimização das crenças e práticas constatadas no universo religioso corresponderia, contraditoriamente, mostrando uma outra face dessa modernidade,

um envolvimento cada vez maior e mais complexo por parte das igrejas com o mundo social, sua busca de controle dos instrumentos de riqueza e prestígio, e a disputa aberta de posições de poder na vida pública, graças à participação direta na política. (MONTES, 2007. p. 69-70)

Durante meados da década de 1940 o crescimento do protestantismo no Brasil ocorria de maneira gradual. Com crises políticas e econômicas ocorrendo no cenário mundial –como por exemplo, fim da Segunda Guerra Mundial, ideais comunistas e socialistas cada vez mais difundidos, início da Guerra Fria, processo intenso de industrialização e modernização em terras brasileiras, entre outros tantos fatores- a Igreja Católica se afastava da população no âmbito social, os fiéis se sentiram desamparados pela catolicismo em suas vidas privadas, o crescimento do Protestantismo e Religiões de matriz Afro-Brasileiras desencadearam muito durante esse período. A Igreja Católica sentiu a perda de fiéis e buscaram através das mídias alternativas para reaproximar das vidas privadas dos brasileiros.

Quando a hierarquia — inclusive a de Roma — enfim voltou de novo a atenção para essa dimensão de suas tarefas eclesiais e evangelizadoras, sua resposta foi partir em busca da modernidade e das linguagens contemporâneas da fé já havia muito dominadas pelos novos grupos pentecostais dentro do protestantismo, através do controle dos meios de comunicação de massa, para que enfim o Verbo pudesse se fazer Imagem, como registraram em pertinente metáfora estudiosos que analisaram esse processo.²⁷ Ao mesmo tempo, a busca do vigor interior da crença, da experiência de exaltação da fé e do transporte espiritual diante do milagre, como diretriz para a recuperação de uma dimensão privada da experiência religiosa, inteiramente íntima e pessoal, resultaria, no interior da Igreja, numa outra aproximação a contrapelo com o pentecostalismo, representada pelo fortalecimento e progressiva expansão da Renovação Carismática Católica . (MONTES, 2007, p. 80)

A partir do fim da Segunda Guerra Mundial um novo fenômeno tomou espaço na diversidade religiosa no Brasil, o Protestantismo de massa passou a ter cada vez mais presença nos grupos pentecostais, e junto ao espiritismo kardecista e religiões afro brasileiras, o número de fiéis católicos passaram a ser cada vez menores. O Protestantismo de massa trouxe para o Brasil um novo cenário, composto por evangelização através das grandes mídias, concentrações em praças públicas, ginásios, estágios de futebol, a chamada “cura divina” através da palavra, sendo fator facilitador em aproximar a religião no âmbito privado. Outro fator foi que, dentro das cidades afastadas dos grandes centros, a cura através da fé não era novidade, visto que grande parte desse grupo já utilizava de práticas como a benzedura e, por outro lado, nos grandes centros, grupos de imigrantes estavam alojando cada vez mais devido ao avanço industrial no Brasil, tais grupos se sentiam acolhidos com as mensagens evangélicas. Então, o crescimento foi inevitável, principalmente dentro das camadas mais marginalizadas da sociedade, na qual a Igreja Católica já não dava o devido suporte.

3 Umbanda: Uma nova religião

O caráter nacionalista da religião foi bastante utilizado pelos intelectuais da Umbanda, usando do nacionalismo varguista que contemplava exaltar o mestiço (OLIVEIRA, 2016). O mito das três raças, que no século XIX estava relacionado ao caráter racista das teorias científicas de uma “raça superior” era reelaborado para se encaixar socialmente. A obra “A Casa Grande e Senzala” de Gilberto Freyre coloca em questão a continuidade do passado com o momento de reorganização do Estado Nacional, ao unir a casa grande e senzala, sobrados e mucambos, ele se transforma em unicidade nacional, como coloca Renato

Ortiz (1999). Já não cabia mais para a sociedade brasileira de 1930 se identificar com os conceitos científicistas do século XIX, era necessário inserir a ideologia do trabalho.

O mito das três raças é ambíguo e encobre parte das problemáticas raciais do Brasil. A Umbanda surgiu nesse cenário de ambiguidades, ao mesmo tempo que se legitimou enquanto religião e usou o discurso do “mestiço” para sua manutenção, por outro lado houve uma tentativa de branqueamento da mesma. Autores como Leal de Souza (1933) que escreveram o primeiro livro a falar sobre a Umbanda, chamado “O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas da Umbanda”, e também ganhou espaço dentro do Jornal “Diário de Notícias” do Rio de Janeiro, enfatizam em matérias dos jornais o caráter científico da Umbanda e diferenciam a magia da Umbanda como “branca”, como uma magia boa, condenando assim a “magia negra” como ruim. Por outro lado, como colocado pelo autor Renato Ortiz (1999) o “empretecimento” sendo como um movimento de uma camada social branca para práticas afro brasileiras, e não uma exaltação das tradições negras. A Umbanda surge como uma união entre as práticas espíritas e com tradições mágicas da cultura negra. Foi por muito tempo definida como uma prática popular que se transforma para se adaptar à ideologia da sociedade.

A Umbanda cresceu então nos centros urbanos e ganhou muitos adeptos. A prática de benzedura, muito utilizada dentro do terreiro de Umbanda leva muitos seguidores em busca de cura. Seja os chamados “filhos de santo” ou “filhos da casa” que entram em busca de trabalharem a mediunidade², ou os consulentes. A Umbanda tem sua origem ambígua e acompanhou os processos sociais que aconteceram durante a década de 1930 no Brasil.

4 Conclusão

A Igreja Católica por muito tempo foi considerada a religião oficial do Brasil e estava extremamente ligada à economia, à política e aos costumes brasileiros. O cenário religioso foi mudando de acordo com os conflitos externos que o país sofria, o fim da Segunda Guerra Mundial, mas o processo de industrialização mudou a mentalidade dos brasileiros. A sociedade mais carente se sentiu desamparada pela a Igreja, e desencadeou na abertura para novas religiões, como o protestantismo, espiritismo, religiões de matriz africana, entre outras. Na cidade de Diamantina não foi diferente, a cidade mineira é marcada por uma forte herança colonial e consequentemente católica, basta andar pelo Centro Histórico e conseguimos ver a quantidade de Igrejas Católicas presentes na cidade. O cenário religioso se transforma quando falamos dos bairros mais periféricos da cidade, onde Igrejas Pentecostais, Neopentecostais dividem espaço com Terreiros e Centros Espíritas.

Duas religiões que cresceram durante a década de quarenta e são tão diferentes dentro do imaginário social da cidade. Para entender tais diferenças é necessário apontar o princípio doutrinário das Igrejas Evangélicas.

De fato, o primeiro princípio doutrinário em que se fundamenta a prática religiosa das igrejas neopentecostais, independentemente de ser diferenciada sua liturgia, é a “teologia da prosperidade”, segundo a qual todos os fiéis, ao se converterem, “nascidos de novo” em Cristo, são reconhecidos como “filhos de Deus”. Ora, o Criador, Senhor do universo, tem direito sobre todas as coisas por ele criadas e, ao reconhecer os homens como seus filhos, no momento da conversão, coloca todas as coisas ao dispor deles, porque os tomou sob sua proteção para se rem abençoados e terem êxito em seus empreendimentos. Como Rei e Senhor, Deus já lhes deu tudo no próprio ato de reconhecê-los como filhos e, assim, aos homens só resta tomar posse do que, desde já, lhes pertence. Há, no entanto, na doutrina neopentecostal, um segundo princípio, complementar a este, que é o da “guerra espiritual”. Pois se Deus já deu ao homem tudo aquilo que necessita ou deseja, e mesmo mais, o que nem ele ainda sabe precisar ou querer, por que então nem todos alcançaram ainda a

² Mediunidade: termo encontrado no livro dos Médiuns de Allan Kardec (2003) para definir aquele que tem a facilidade em comunicar com espíritos.

prosperidade, por que vivem em conflito e enfrentam adversidades, a miséria, a pobreza, a injustiça, a doença, a perda, o sofrimento, a dor? É porque tudo isso é obra do Maligno, que quer perder os homens e assim procura afastá-los de Deus, fazendo-os duvidar Dele, confundindo-os com falsas crenças ou falsas promessas, engajando-os na senda do pecado, do vício e do desespero, para levá-los à perdição final, que é a sua vitória. Assim, entre a prosperidade a que o fiel já tem direito desde a sua conversão e sua vida presente interpõem-se as forças do Mal, na astúcia de suas mil faces, e é para combatê-las que o fiel trava incessantemente, em todas as frentes, a incansável “guerra espiritual” que, ao lhe trazer a vitória, lhe permitirá gozar enfim da prosperidade que Deus já lhe concedeu. A participação na liturgia dos cultos de sua Igreja é o modo como o fiel trava esses infundáveis combates (MONTES, 2007. p. 119-120).

A teologia da prosperidade se aproxima da lógica capitalista, no qual prosperar é sinônimo do esforço do seu trabalho. O segundo ponto trazido pela autora explica a intolerância a outras práticas religiosas, sendo que, a Umbanda, que já traz o histórico pejorativo dentro do imaginário social é reaplicado ao fato das Igrejas Neopentecostais criarem um único caminho para se chegar a Deus, os outros são considerados obras do Maligno. Ou seja, a espiritualidade Umbanda, por mais que tenha conseguido se legitimar com o discurso de miscigenação durante a Era Vargas, ainda está associado ao culto afro descendente, que dentro do imaginário social ainda é visto com muito preconceito. A “Guerra Espiritual” colocada pela autora Maria Lucia Montes (2007), mostra que existe um embate e a Umbanda por não ser entendida como um caminho religioso acaba entrando em constante conflito com tal lógica. A Igreja Católica já perseguia religiões de matriz afro descendentes, o que muda é a forma que as Igrejas Neopentecostais praticam tal intolerância.

Onde essas igrejas inovam, porém, é na operação de apropriação reversa que fazem das religiões afro-brasileiras. Se a forma do culto é a do exorcismo, velho conhecido da Igreja católica, o que se exorciza é sobretudo o conjunto das entidades do panteão afro-ameríndio incorporado às religiosidades populares, das devoções e práticas mágico-rituais do catolicismo ainda conservadas pelos pobres às religiões de negros perseguidos só recentemente apropriadas pelos estratos médios das populações urbanas. Assim, o que a nova liturgia evangélica realiza é um ecumenismo popular negativo, ou às avessas, incorporando todas as figuras do sagrado das religiosidades populares sob a mesma designação comum das múltiplas identidades do Tinhoso. O que os ritos neopentecostais supõem, e põem em ação, é um profundo conhecimento dessas outras cosmologias que sustentam tais religiosidades, assim como as técnicas de produção e manipulação do transe das religiões de possessão. (MONTES, 2007, p. 122)

Para o trabalho usei como recorte o Terreiro Ponto de Luz, o qual tem um aspecto social forte para a região, visto que, muitos consulentes vão em busca da cura para suas enfermidades e de uma conexão com o Sagrado. Dentro do imaginário diamantinense a apropriação das entidades que trabalham na Umbanda reforça o racismo religioso e os ataques feitos aos umbandistas. A realidade social dentro do Terreiro Ponto de Luz é de troca, tanto de pessoas protestantes que vão às consultas mediúnicas, tanto em relações entre os filhos da casa com os protestantes. A “guerra espiritual” do protestantismo com a prática de Umbanda, dentro do recorte divide perspectivas ambíguas, porque ao mesmo tempo socialmente a Casa sofra ataques religiosos, temos pessoas de diferentes crenças frequentando o mesmo espaço.

A intenção da pesquisa é mostrar a dualidade sem reforçar a ideia de que exista uma “guerra espiritual”. Ao contrário, busco compreender a relação entre dois grupos distintos: protestantes e umbandistas, que dividem o mesmo espaço diamantinense. Ambas as religiões se estabeleceram longe do centro histórico, onde predomina o catolicismo. Outro ponto é quem frequenta as religiões. Atualmente, o cenário tanto do terreiro quanto das igrejas protestantes é bastante democrático, mas começou pela classe trabalhadora e periférica. As

relações pessoais e memórias individuais dos filhos da casa do terreiro Ponto de Luz com protestantes podem trazer dados para conseguir compreender como se estabelece a relação entre diferentes cultos na cidade de Diamantina.

Referências:

- ANAIS DO CONGRESSO BRASILEIRO DO ESPIRITISMO DE UMBANDA, 1º. Rio de Janeiro: Federação Espírita de Umbanda, 1942.
- BIRMAN, Patrícia. Registrado em cartório, com firma reconhecida: a mediação política das Federações de Umbanda. **Umbanda e Política**. Rio de Janeiro: ISER, n. 18, 1985.
- BRUSTLEIN Violette; HEES, Dora Rodrigues; JACOB, Cesar Romero e WANIEZ, Philippe. **Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil**. Ed. PUC-RJ e Ed. Loyola, com o apoio da CNBB. 2003.
- CUNHA, Celina Gontijo; GONÇALVES, Clézio Roberto. A tradição oral das práticas de benção. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S.l.], v. 10, p. 30-42, jan. 2018. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<http://www.abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/528>>. Acesso em: 14 set. 2020.
- FERRETTI, Sérgio. **Notas sobre o sincretismo religioso no Brasil** - modelos, limitações e possibilidades. Ed. Tempo, vol. 6, núm. 11. Universidade Federal Fluminense Niterói, Brasil. 11 de julho 2001
- FERRETI, Sergio. **Repensando o sincretismo**: Estudo sobre a Casa de Minas. São Paulo: Edusp, 1995.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)- **Religião** <<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/137>>. Acesso: 14 de outubro de 2019
- ISAIA, Artur César. Ordenar Progredindo: **A Obra dos Intelectuais de Umbanda no Brasil da Primeira Metade do Século XX**. Anos 90. Porto Alegre, n. 11, jul. de 1999.
- JUSTINA, Martha. Atualidade da Lei de Umbanda. In: **Anais...** Rio de Janeiro: Federação Espírita de Umbanda, 1942, p. 87-98.
- KARDEC, Allan. **O livro dos médiuns**. Tradução de Guillon Ribeiro. 71. ed. - Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2003
- MONTES, Maria Lucia. As figuras do Sagrado: Entre o Público e o Privado. NOVAIS, Fernando A; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **A História da Vida Privada**: Contrates da intimidade contemporânea. Companhia das Letras. V. 4. 2007; Pág: 63 à 172
- OLIVEIRA, José Henrique Motta. Umbanda: Entre a Macumba e o Espiritismo. **Revista de estudos sobre o Jesus Histórico e sua Recepção**. 14 de março de 2016.
- ORTIZ, Renato. **A Morte Branca do Feiticeiro Negro**. 2ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 5ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994
- PEREIRA, Cassia Farnezi. Vida religiosa e mudanças sociais no Distrito Diamantino nos séculos XVIII e XIX. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História** – ANPUH . São Paulo, julho 2011
- PRANDI, Reginaldo. O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. **Estudos avançados**, 18 (52), 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000300015> Acesso: 23 de outubro de 2020.
- PREFEITURA DE DIAMANTINA- **Religião**: <<https://diamantina.mg.gov.br/o-municipio/informacoes-geograficas/>> Acesso: 23 de outubro de 2020
- SARACENI, Rubens. **Os Arquétipos da Umbanda**: As hierarquias espirituais dos Orixás. São Paulo. Madras, 2016.